

VIOLÊNCIA COLONIAL E RESISTÊNCIA CULTURAL NA LITERATURA PÓS-COLONIAL: UM DIÁLOGO COM CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE E TEÓRICOS DA DESCOLONIZAÇÃO¹

Dino Acácio Fijamo²

Resumo: o presente artigo explora a representação da violência colonial e as diversas formas de resistência cultural na literatura pós-colonial, com foco no conto *The Headstrong Historian*, de Chimamanda Ngozi Adichie (2009). Dialogando com autores como Frantz Fanon (1968), Ngũgĩ wa Thiong'o (2020), Stuart Hall (2006), Gayatri Spivak (1988), Paul Gilroy (2001), Achille Mbembe (2018), Albert Memmi (1967), Paulo Freire (1970) e Edward Said (2007), busca-se analisar como a imposição cultural e linguística do colonizador afeta a identidade dos povos colonizados e como a literatura se torna um espaço de resgate da memória e reafirmação identitária. A metodologia empregada é a pesquisa bibliográfica com abordagem analítica, visando compreender as complexas relações entre poder, cultura e identidade no contexto pós-colonial. O estudo conclui que a literatura pós-colonial não apenas denuncia as violências do passado, mas atua como uma ferramenta ativa de descolonização, reconstruindo narrativas e fortalecendo identidades na contemporaneidade.

Palavras-chave: Colonialismo. Pós-colonialismo. Resistência cultural. Identidade. Literatura africana.

Abstract: this article explores the representation of colonial violence and the various forms of cultural resistance in postcolonial literature, focusing on the short story *The Headstrong Historian* by Chimamanda Ngozi Adichie(2009). Through a dialogue with theorists such as Frantz Fanon (1968), Ngũgĩ wa Thiong'o (2020), Stuart Hall (2006), Gayatri Spivak (1988), Paul Gilroy (2001), Achille Mbembe (2018), Albert Memmi (1967), Paulo Freire (1970) e Edward Said (2007), it analyzes how the cultural and linguistic imposition of the colonizer affects the identity of colonized peoples and how literature becomes a space for memory retrieval and identity reaffirmation. The methodology employed is bibliographic research with an analytical approach, aiming to understand the complex relationships between power, culture, and identity in the postcolonial context. The study concludes that postcolonial literature not only denounces the violence of the past but also acts as an active tool for decolonization, reconstructing narratives and strengthening hybrid identities in the contemporary world.

Keywords: Colonialism. Postcolonialism. Cultural resistance. Identity. African literature.

¹ Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Letras Língua Inglesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), sob a orientação da Prof. Dr. Eduardo Alves Da Silva.

² Graduando em Letras Língua Inglesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

1. INTRODUÇÃO

A literatura africana contemporânea é um campo de estudo que fornece instrumentos para a compreensão das dinâmicas de poder e resistência que moldaram as sociedades pós-coloniais. Em um cenário onde as narrativas históricas foram frequentemente silenciadas ou distorcidas pela ótica colonial, a produção literária se mostra como um espaço para a recuperação da memória e a reafirmação de identidades. A violência colonial, manifestada não apenas no plano físico, mas através da imposição cultural e linguística, deixou marcas nas estruturas sociais e na subjetividade dos povos colonizados. Diante desse contexto, a literatura se torna um instrumento poderoso de contestação e descolonização.

Neste estudo, propomo-nos a analisar a representação da violência colonial e as estratégias de resistência cultural na literatura pós-colonial, tomando como ponto de partida a obra de Chimamanda Ngozi Adichie (2009)¹. A escolha de Adichie justifica-se pela sua capacidade de abordar, de forma perspicaz e acessível, as nuances do impacto colonial na Nigéria, particularmente entre o povo Igbo.

O objetivo deste artigo é duplo: *primeiramente*, analisar como a violência colonial é retratada na obra de Adichie; e, *em segundo lugar*, demonstrar como a resistência cultural, a busca pela memória e a reafirmação identitária se manifestam como respostas a essa violência. A relevância deste estudo reside na sua contribuição para o debate sobre a literatura pós-colonial como um espaço de agência e transformação, capaz de desafiar narrativas hegemônicas e promover uma compreensão mais profunda do legado colonial.

A obra de Adichie, oferece um panorama profundo das questões que permeiam a Nigéria contemporânea. Em "Hibisco Roxo", Adichie aborda as tensões familiares e religiosas sob a sombra de um patriarcado opressor, enquanto em "Meio Sol Amarelo" retrata os horrores da Guerra de Biafra e as suas consequências devastadoras. Já em "Americanah", Adichie aborda as complexidades da imigração, do racismo e da identidade negra no século XXI. Para este estudo, o conto "*The Headstrong Historian*",

¹ Chimamanda Ngozi Adichie é uma escritora nigeriana contemporânea, reconhecida por suas obras que abordam feminismo, identidade, colonialismo e questões sociais. Autora de romances como *Americanah* e *Meio Sol Amarelo*, recebeu prêmios internacionais e grande impacto cultural. Também é conhecida por suas palestras, como *We Should All Be Feminists*, que influenciaram debates globais sobre igualdade de gênero. A obra referenciada nessa nota é *The thing around your neck* (Adichie, 2009).

presente na coletânea *"The Thing Around Your Neck"*, foi escolhido por sua capacidade de condensar, em uma narrativa concisa e poderosa, a essência do confronto entre a tradição Igbo e a imposição colonial, servindo como um microcosmo exemplar das dinâmicas de poder e resistência que serão analisadas. A metodologia empregada neste estudo é de natureza qualitativa, conforme proposta por Casell e Gillian (1994) em *"Qualitative Methods in Organizational Research: A Practical Guide"*. Optamos por essa abordagem por seu foco específico em pesquisa qualitativa e por sua perspectiva interpretativista, que nos permite explorar as complexas relações entre poder, cultura e identidade no contexto pós-colonial de forma aprofundada e contextualizada. Adicionalmente, a análise será fundamentada na "estética da criação verbal" de Mikhail Bakhtin (2011). A escolha de Bakhtin (2011) justifica-se pela sua abordagem de vozes múltiplas, diálogo cultural e temporalidade, conceitos que se alinham perfeitamente com a proposta deste trabalho.

A inclusão da perspectiva bakhtiniana permitirá uma compreensão mais aprofundada de como as diferentes vozes conversam e se confrontam na literatura pós colonial, o que enriquecerá a análise da resistência cultural e da reafirmação identitária.

2. REFERENCIAL TEÓRICO: AS VOZES DA DESCOLONIZAÇÃO

A partir deste ponto, será apresentado o referencial teórico que fundamenta a pesquisa, estruturado principalmente a partir do pensamento de Chimamanda Ngozi Adichie, cuja reflexão crítica sobre identidade, gênero e cultura oferece uma base sólida para a análise proposta. Esta seção será dividida em duas partes: a primeira dedicará atenção à explicação da ferramenta analítica empregada, com destaque para o conceito de polifonia e dialogismo bakhtiniano; a segunda parte abordará conceitos contextuais fundamentais para compreender o colonialismo e os modos de resistência africana. Dessa forma, busca-se articular teoria e contexto histórico-cultural, assegurando uma análise consistente e abrangente.

2.1 Polifonia e dialogismo

O conceito de polifonia, elaborado por Mikhail Bakhtin em sua leitura da obra de

Dostoiévski (Bakhtin, 2018), remete à coexistência de múltiplas vozes autônomas dentro de um mesmo enunciado, sem que sejam reduzidas à supremacia da voz autoral. Em uma perspectiva polifônica, cada discurso, cada consciência representada, porta uma posição ideológica própria, que não se dissolve em uma narrativa homogênea. Essa pluralidade de vozes não é mero recurso estilístico, mas antes uma dimensão epistemológica que reconhece o caráter conflitual e heterogêneo da linguagem. Tal compreensão permite vislumbrar a polifonia como um espaço de embate simbólico, em que vozes dominantes e vozes marginalizadas se encontram em tensão. Ao aproximarmos esse conceito do fenômeno colonial, é possível interpretar a literatura e o discurso social como arenas em que a voz do colonizador tenta impor-se como monológica, enquanto as vozes dos povos colonizados emergem em resistência, afirmando identidades, culturas e memórias próprias, ainda que dentro de um campo discursivo marcado pela desigualdade estrutural. Assim, a noção bakhtiniana de polifonia oferece instrumentos para compreender como diferentes perspectivas se entrecruzam na disputa por legitimidade cultural e histórica. Segundo o autor, a consideração das muitas vozes no texto é tão fundamental que apenas a partir dela, pode-se extrair todo o significado subjacente.

É graças a este plurilinguismo social e ao crescimento em seu solo de vozes diferentes que o romance orchestra todos os seus temas, todo seu mundo objetual, semântico, figurativo e expressivo. O discurso do autor, os discursos dos narradores, os gêneros intercalados, os discursos das personagens não passam de unidades básicas de composição com a ajuda das quais o plurilinguismo se introduz no romance. Cada um deles admite uma variedade de vozes sociais e de diferentes ligações e correlações (Bakhtin, 1993b, p. 74).

Por sua vez, o dialogismo, princípio constitutivo da teoria bakhtiniana da linguagem, amplia esse horizonte ao afirmar que todo enunciado é necessariamente relacional, nascendo em resposta a discursos anteriores e projetando-se em antecipação a respostas futuras. Segundo Narwani e Vaidya, ao referenciarem Bakhtin, afirmam que “o dialogismo estabelece conexões entre os enunciados presentes, passados e futuros. A intertextualidade estabelece a ideia da interconectividade do texto atual, com textos passados e futuros” (Narwani; Vaidya, p.20, 2024).

A linguagem, portanto, não é uma entidade neutra, mas sempre atravessada por marcas sociais, históricas e ideológicas que a situam em um contínuo processo de negociação de sentidos. Esse caráter dialógico possibilita perceber como a comunicação se organiza em torno de ecos, réplicas e contrapalavras que inscrevem

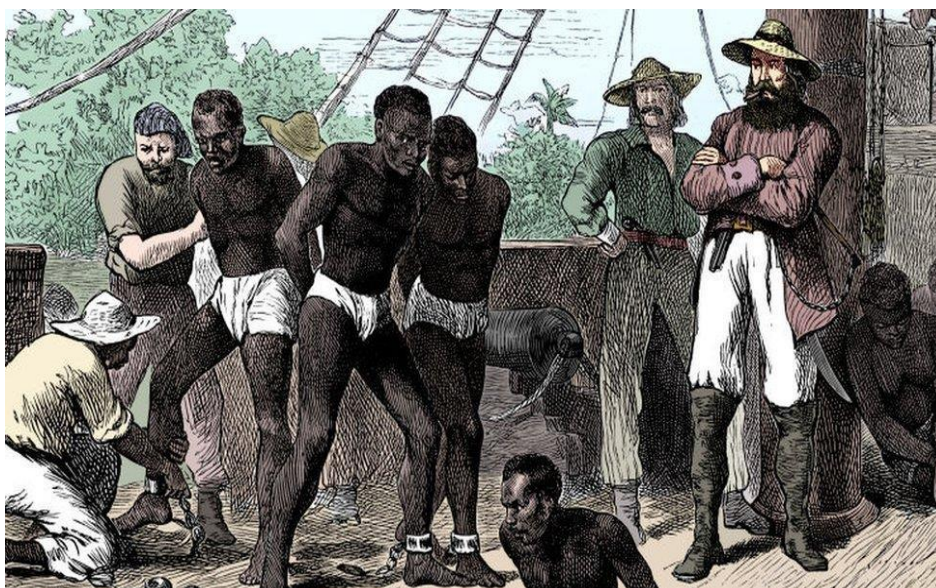
o sujeito em um campo maior de alteridade. Quando pensado em relação ao colonialismo, o dialogismo revela que mesmo os discursos de dominação carregam em si a presença latente das vozes oprimidas, que resistem, respondem e reinterpretam os sentidos impostos. Nesse movimento, o dialogismo torna-se chave analítica para apreender como as narrativas coloniais jamais se sustentam em totalidade monológica, sendo sempre interpeladas pelas vozes dos subalternizados. Assim, a resistência africana, em suas diversas manifestações discursivas e culturais, pode ser compreendida como expressão desse diálogo inevitável, em que a palavra colonizada não apenas reage, mas também reconfigura o espaço simbólico em que se encontra.

2.2 A Violência Colonial e a Desumanização

A colonização, em sua essência, é um ato de violência que transcende o plano físico e se fixa nas esferas psicológica e cultural dos povos colonizados, muito além dos navios negreiros (figura 1). Frantz Fanon (1968, p. 250) argumenta que o colonialismo busca desumanizar o colonizado, afirmando que ele “se vira para o passado do povo oprimido e o distorce, o deforma, o aniquila”. Essa distorção histórica e cultural é uma das mais perversas formas de violência, pois mina a base da identidade e da memória coletiva. Achille Mbembe (2018, p. 141), por sua vez, aprofunda a discussão com o conceito de necropolítica, argumentando que “a máxima expressão da soberania reside, hoje, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer”. Este poder de vida e morte, exercido de forma brutal e arbitrária, é a face mais explícita da violência colonial, mas não a única. Além da violência física e da necropolítica, a experiência da colonização gera um profundo processo de alienação. Albert Memmi (1967, p. 129) argumenta que “o colonizado, quando aceitava a imagem que dele fazia o colonizador, tornava-se um estranho para si mesmo”. Essa alienação é um dos legados mais duradouros e insidiosos do colonialismo. O colonizado, ao internalizar a visão distorcida e inferiorizante imposta pelo colonizador, perde a conexão com suas próprias raízes, sua cultura e sua identidade. Ele passa a ver o mundo e a si mesmo através das lentes do opressor, resultando em uma profunda crise existencial e na negação de sua própria subjetividade. Essa violência psicológica muitas vezes invisível, é tão devastadora quanto a violência física, pois desestrutura o indivíduo e a comunidade

de dentro para fora. A brutalidade do colonialismo reside não apenas na dominação territorial e econômica, mas na sua capacidade de invadir e reconfigurar a psique dos dominados, tornando a resistência um ato não apenas político, mas profundamente existencial.

Figura 1– Pessoas acorrentadas em contexto colonial



Fonte: BBC News Brasil (2019)

2.3 Língua, Educação e Alienação

A imposição da língua e do sistema educacional do colonizador é um pilar da dominação. Ngũgĩ wa Thiong'o (2020, p. 14) argumenta que “a linguagem [...] tem um papel comunicativo central ao carregar [...] a cultura de um povo”. Ao suprimir as línguas nativas e impor a língua do colonizador, busca-se não apenas facilitar a comunicação, mas também dismantelar as estruturas culturais e cognitivas dos povos dominados. Esse processo evidencia-se em situações históricas de segregação, como no regime do *apartheid*² na África do Sul, quando crianças negras eram obrigadas a estudar ao ar livre em condições precárias, enquanto crianças brancas dispunham de salas confortáveis e cobertas, reforçando a desigualdade estrutural imposta pelo colonialismo (figura 2). Paulo Freire (1970, p. 67) critica a concepção “bancária” da

² O *apartheid* foi um regime oficial de segregação racial instituído na África do Sul entre 1948 e 1994, que legalizou a separação entre brancos e negros em todos os aspectos da vida social. Negros eram privados de direitos políticos, educacionais e de circulação, enquanto a minoria branca detinha privilégios. O sistema caiu com a luta de movimentos sociais e a eleição de Nelson Mandela em 1994.

educação, que “implica a negação da prática de ‘depósito’ do conteúdo”, reforçando a alienação.

Figura 2– Crianças negras sul-africanas em uma sala de aula ao ar livre.



Fonte: Universal History Archive

Essa educação, descontextualizada e imposta, visa a formação de indivíduos que reproduzam os valores e a lógica do colonizador, distanciando-os de suas próprias raízes e de seu pensamento crítico. Nesse contexto, a perspectiva de Mikhail Bakhtin (2011) sobre a dialogia e as vozes sociais torna-se particularmente relevante. A imposição da língua colonial não é apenas a substituição de um código por outro, mas um choque entre vozes, onde a voz hegemônica do colonizador tenta silenciar e submeter as vozes plurais e heterogêneas dos colonizados. Essa voz polifônica mostra que “a forma e o conteúdo estão unidos no discurso, entendido como fenômeno social - social em todos os seus momentos - desde a imagem sonora até os estratos semânticos mais abstratos” (Bakhtin, 1993a, p. 71).

O que se observa é um embate discursivo, onde a língua imposta carrega consigo uma carga ideológica que entra em conflito com as cosmovisões e as formas de expressão dos povos subjugados. Essa tensão entre a voz do colonizador e a voz do colonizado é um campo fértil para a análise da resistência cultural, pois mesmo sob a imposição, as vozes subalternas encontram formas de se manifestar, seja através de adaptações, ressignificações ou da persistência velada de suas próprias línguas e dialetos. A literatura pós-colonial, nesse sentido, torna-se um espaço

privilegiado para a encenação e a exploração desse diálogo conflituoso, onde as vozes silenciadas buscam reafirmar sua existência e sua identidade através da linguagem.

2.4 Identidade, Hibridismo e Diáspora

A identidade em contextos pós-coloniais é complexa. Stuart Hall (2006, p. 90) argumenta que a identidade “está sempre em processo, nunca completa, sempre constituída dentro, não fora, da representação”. Paul Gilroy (2001, p. 19), com o conceito de “Atlântico Negro”, descreve um espaço cultural transnacional que se tornou “uma arena de intercâmbio cultural”.

A identidade em contextos pós-coloniais é complexa e multifacetada, constantemente negociada entre as heranças culturais pré-coloniais e as imposições do colonizador. Stuart Hall (2006, p. 90) argumenta que a identidade “está sempre em processo, nunca completa, sempre constituída dentro, não fora, da representação”. Essa fluidez identitária é particularmente acentuada em sociedades que emergiram do colonialismo, onde as fronteiras culturais foram violentamente redefinidas.

Paul Gilroy (2001, p. 19), com o conceito de “Atlântico Negro”, descreve um espaço cultural transnacional que se tornou “uma arena de intercâmbio cultural”, evidenciando como as identidades são forjadas em meio a diálogos e tensões entre diferentes legados.

Antes da chegada do colonizador, as sociedades africanas possuíam identidades culturais ricas e diversas, forjadas ao longo de séculos de tradições, línguas, rituais e sistemas de crenças próprios. A imposição colonial, no entanto, buscou dismantelar essas estruturas, impondo uma nova ordem social, política e cultural.

A identidade pré-colonial, muitas vezes baseada em laços comunitários, linhagens e práticas ancestrais, foi confrontada com a universalização de valores e normas ocidentais. Contudo, essa imposição não resultou em uma anulação completa das identidades locais. Pelo contrário, gerou um processo complexo de hibridismo, onde elementos das culturas colonizadas e colonizadoras se mesclaram, criando novas formas de expressão e resistência.

A literatura pós-colonial, nesse sentido, torna-se um campo privilegiado para explorar essa dinâmica, revelando como as identidades são resgatadas, reinventadas e reafirmadas em meio às cicatrizes do passado colonial. A busca pela identidade cultural, portanto, não é um retorno nostálgico a um passado imutável, mas um processo dinâmico de construção e reconstrução, onde a memória e a tradição se tornam ferramentas para a emancipação e a resistência no presente.

2.5 A Representação do Outro e a Voz Subalterna

A construção da imagem do “Outro” é um mecanismo fundamental na legitimação da dominação colonial. Edward Said (2007, p. 15) demonstra que “o orientalismo não é um simples ato de imaginação, mas um discurso institucional que legitima o domínio do Ocidente”. Através desse discurso, o colonizador constrói uma representação estereotipada e inferiorizante do colonizado, justificando a intervenção e a exploração.

Essa representação do “Outro” como exótico, irracional ou primitivo serve para solidificar a própria identidade do colonizador como superior e civilizado. Nesse contexto, a questão da voz subalterna, levantada por Gayatri Spivak (1988, p. 307), em seu ensaio “Pode o Subalterno Falar?”, questiona a possibilidade de os marginalizados terem sua voz genuinamente ouvida e compreendida dentro das estruturas de poder existentes, concluindo que “a subalterna não pode falar”, pois sua voz é frequentemente distorcida, silenciada ou apropriada pelos discursos hegemônicos.

A dificuldade não reside na ausência de voz, mas na impossibilidade de essa voz ser reconhecida e validada em um sistema que a nega. Aqui, a contribuição de Mikhail Bakhtin (2011) é de suma importância. Bakhtin, com sua teoria da dialogia e da polifonia, argumenta que toda enunciação é um diálogo, e que a voz do “outro” está sempre presente, mesmo que de forma velada. Ele nos convida a perceber as múltiplas vozes que compõem um discurso, e como elas interagem, se confrontam e se influenciam mutuamente.

Ao aplicar a lente bakhtiniana à questão da voz subalterna, podemos ir além da aparente impossibilidade de “falar” e buscar as formas sutis e complexas pelas quais as vozes dos colonizados se manifestam, mesmo sob a opressão.

A literatura pós-colonial, em particular, torna-se um espaço privilegiado para a emergência dessas vozes, que, através de estratégias narrativas e estilísticas, subvertem os discursos dominantes e reafirmam a subjetividade e a agência dos povos colonizados.

A voz do “outro”, para Bakhtin, não é apenas uma questão de quem fala, mas de como as diferentes vozes se relacionam e se transformam no processo dialógico, abrindo caminho para a compreensão das complexas dinâmicas de poder e resistência na construção da identidade pós-colonial.

3 METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem de natureza qualitativa, que, conforme Minayo (2001, p. 21), se aprofunda em questões particulares do universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Este campo de análise, por sua essência, não é redutível à operacionalização de variáveis quantitativas, demandando uma imersão do pesquisador na realidade social para compreendê-la em sua complexidade. A pesquisa qualitativa, portanto, trabalha com o universo de significados, o que corresponde ao espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Quanto aos procedimentos técnicos, a pesquisa é classificada como bibliográfica. Conforme Gil (2002, p. 44), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. A principal vantagem desse tipo de pesquisa reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente, sendo particularmente indicada para estudos que requerem a análise de diferentes perspectivas teóricas sobre um mesmo tema.

A escolha por esta abordagem qualitativa alinha-se com a proposta de Casell e Gillian (1994), que enfatizam a importância de uma perspectiva interpretativista para a compreensão aprofundada de fenômenos sociais e culturais complexos. Minayo (2001) reforça que a pesquisa qualitativa não busca a generalização estatística, mas sim a profundidade e a riqueza dos dados, permitindo a apreensão das múltiplas dimensões de um fenômeno. Essa perspectiva é crucial para o presente estudo, que visa explorar as nuances da violência colonial e da resistência cultural na literatura pós-colonial, onde os significados e as interpretações subjetivas são centrais.

Adicionalmente, a análise dialógica de Bakhtin (2011) será empregada para explorar as múltiplas vozes e os embates discursivos presentes na literatura pós-colonial. A perspectiva bakhtiniana é viável para desvendar como as diferentes vozes de colonizados e colonizadores interagem, se confrontam e se influenciam na construção do sentido, revelando a complexidade das relações de poder e resistência cultural.

3.2 Procedimentos Metodológicos

O procedimento metodológico foi estruturado em três etapas principais, visando uma abordagem sistemática e aprofundada:

Levantamento Bibliográfico: Esta etapa envolveu a seleção e o estudo aprofundado de obras de teóricos da descolonização, bem como da produção literária de Chimamanda Ngozi Adichie. Conforme Gil (2002, p. 44), o levantamento bibliográfico é crucial para a construção de um referencial teórico sólido, permitindo a identificação de diferentes perspectivas e a contextualização do objeto de estudo. A seleção dos materiais foi orientada pela relevância para a temática da violência colonial e resistência cultural, buscando autores que oferecessem subsídios para a análise interpretativista proposta.

Análise Literária: Com foco na obra *The Headstrong Historian*, esta fase buscou identificar os elementos narrativos que dialogam com os conceitos teóricos previamente levantados. A análise foi realizada com uma perspectiva interpretativista, conforme Minayo (2001), que preconiza a compreensão dos significados e das interpretações subjetivas presentes na obra, em vez de uma mera descrição dos fatos.

Foram examinados aspectos como personagens, enredo, simbologia e estilo, buscando conexões com as discussões sobre identidade, poder e cultura no contexto pós-colonial.

Análise Dialógica e Interpretativa: Esta etapa consistiu no cruzamento dos elementos identificados na obra literária com o referencial teórico, utilizando a análise dialógica de Bakhtin (2011). O objetivo foi interpretar como a literatura funciona como espaço de agência e contestação, e como as vozes dos colonizados e colonizadores se entrelaçam e se confrontam. A interpretação, neste contexto, não se limita à descrição, mas busca aprofundar-se nos sentidos e nas relações subjacentes, revelando as tensões e as possibilidades de ressignificação cultural e identitária, conforme a natureza da pesquisa qualitativa destacada por Minayo (2001).

4 ANÁLISE DA OBRA DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

A análise da obra de Chimamanda Ngozi Adichie (2009) revela a complexidade da resistência à imposição colonial, manifestada em diversas camadas da narrativa. Três exemplos literários, em particular, ilustram a forma como a autora evidencia a produção nacional como foco de resgate dos valores diante do colonizador, consolidando a estrutura em três atos proposta para este estudo: violência colonial, construção da identidade nacional e resistência. Primeiramente, a figura de Nwamgba, a avó, é um exemplo contundente de resistência cultural.

Mesmo diante da violência explícita e simbólica do colonialismo, ela se recusa a abandonar suas tradições. Um trecho que ilustra essa resistência é quando, apesar da pressão para se converter ao cristianismo e adotar os costumes ocidentais, Nwamgba "continuava a praticar os rituais Igbo, preservando a memória cultural de seu povo".

Essa atitude, aparentemente simples, é um ato de profunda subversão, pois mantém viva a chama da identidade em um contexto de apagamento forçado. A persistência de Nwamgba em seus rituais e crenças ancestrais é uma forma de resistência silenciosa, mas poderosa, que impede a completa desumanização e alienação propostas pelo colonizador.

Em segundo lugar, a trajetória de Anikwenwa/Michael, o filho de Nwamgba, embora marcada pela alienação inicial, também oferece um vislumbre da construção da identidade nacional em meio ao hibridismo. Embora ele adote o nome "Michael" e se afaste das tradições Igbo, sua jornada reflete a complexidade da assimilação e da busca por um lugar no mundo pós-colonial.

A educação "bancária" que ele recebe o distancia de suas raízes, mas a própria existência de sua mãe como guardiã da memória ancestral serve como um contraponto constante. A sua eventual crise de identidade, embora não explicitamente detalhada em um trecho específico, é inferida pela sua dificuldade em se conectar com a herança de sua mãe, o que o torna um "estranho para si mesmo", conforme descrito por Memmi. Essa tensão entre o que foi imposto e o que é inerente à sua cultura de origem é um elemento crucial na construção da identidade nacional, que não é homogênea, mas sim um mosaico de experiências e influências.

Por fim, a personagem de Grace/Afamefunu, a neta, representa a síntese e a esperança de descolonização, culminando no ato de resistência mais explícito. Ao descobrir os diários de sua avó, Grace inicia uma jornada de redescoberta que a leva a "integrar sua educação ocidental com a herança Igbo que lhe foi negada". O ponto culminante dessa resistência é a sua decisão de mudar seu nome para "Afamefunu", que significa "meu nome não se perderá" em Igbo.

Esse ato de renomeação é um poderoso gesto de reafirmação identitária e de resgate da memória ancestral. Grace não rejeita sua educação ocidental, mas a ressignifica, utilizando-a como ferramenta para dar voz à história de sua família e de seu povo. Ela se torna a historiadora que sua avó desejava, capaz de escrever a história de sua família e de seu povo, dando voz à subalterna que foi sua avó. A obra de Adichie, portanto, não termina na tragédia da colonização, mas aponta para um futuro onde a identidade é um ato de reconstrução consciente e a literatura se torna um veículo para essa reconstrução.

A obra *The Headstrong Historian*, de Chimamanda Ngozi Adichie, serve como um microcosmo das complexas interações entre violência colonial e resistência cultural. A narrativa acompanha três gerações de uma família Igbo, personificadas por Nwamgba (a avó), Anikwenwa/Michael (o filho) e Grace/Afamefunu (a neta), ilustrando vividamente os conceitos teóricos discutidos.

A violência colonial é retratada tanto de forma física quanto simbólica. Nwamgba perde o marido para um envenenamento orquestrado por primos que se aliam aos colonizadores britânicos, exemplificando a necropolítica de Mbembe (2018), onde o poder colonial decide quem vive e quem morre para manter o controle. A violência simbólica, no entanto, é mais insidiosa. Nwamgba envia seu filho, Anikwenwa, para a escola missionária na esperança de que ele aprenda a língua e os costumes do colonizador para se proteger. Contudo, o resultado é uma profunda alienação. Anikwenwa adota o nome "Michael", abandona as tradições Igbo e passa a ver a cultura de sua mãe com desprezo, tornando-se o "estranho para si mesmo" descrito por Memmi (1967). A educação que ele recebe é puramente "bancária" (Freire, 1970), desprovida de criticidade e voltada para a assimilação.

A resistência, contudo, é a força motriz da narrativa. Nwamgba, embora analfabeta, é a "historiadora obstinada" do título. Ela se recusa a se converter ao cristianismo e continua a praticar os rituais Igbo, preservando a memória cultural de seu povo. Ela representa a resistência silenciosa, a guardiã da história oral contra o apagamento colonial.

A síntese e a esperança de descolonização surgem com a neta, Grace. Criada sob a rígida educação cristã de seu pai, Grace sente um vazio identitário. Ao descobrir os diários de sua avó, ela inicia uma jornada de redescoberta. Ela não rejeita sua educação ocidental, mas a integra com a herança Igbo que lhe foi negada. Ao mudar seu nome para "Afamefuna", que significa "meu nome não se perderá" em Igbo, ela encarna o hibridismo cultural de Hall (2006) e Gilroy (2001). Grace se torna a historiadora que sua avó desejava, capaz de escrever a história de sua família e de seu povo, dando voz à subalterna (Spivak, 1988) que foi sua avó. A obra de Adichie, portanto, não termina na tragédia da colonização, mas aponta para um futuro onde a identidade é um ato de reconstrução consciente.

A seguir, apresenta-se um quadro sintético que ilustra os principais achados da pesquisa, organizando de forma clara a relação entre os personagens e situações analisadas, o impacto do colonialismo, as formas de resistência adotadas e a manifestação das vozes dentro de uma perspectiva polifônica. Este recurso visa facilitar a visualização das interações entre dominação e resistência, evidenciando como diferentes vozes dialogam e se confrontam no contexto da obra de

Chimamanda Ngozi Adichie.

Quadro 1 – Síntese da análise da obra de Chimamanda Ngozi Adichie.

Personagem / Situação	Colonialismo	Resistência	Vozes / Polifonia
Nwamgba (avó)	<i>Sofre violência simbólica e material; perde o marido em contexto de alianças coloniais; vê o filho assimilado pela educação missionária.</i>	<i>Mantém práticas e rituais Igbo, recusando a conversão ao cristianismo.</i>	<i>Representa a voz ancestral e da memória cultural, em tensão constante com a voz hegemônica do colonizador.</i>
Anikwenwa / Michael (filho)	<i>Alienação pela escola colonial; abandona o nome Igbo e adota valores ocidentais, tornando-se “estranho para si mesmo”.</i>	<i>Resistência quase ausente, marcado pela assimilação.</i>	<i>Expressa a voz híbrida alienada, atravessada pelo discurso colonial e em conflito com a herança cultural da mãe.</i>
Grace / Afamefuna (neta)	<i>Criada sob rígida educação cristã do pai, marcada pela imposição cultural.</i>	<i>Resgata os diários da avó, reconecta-se às raízes Igbo e assume novo nome: Afamefuna (“meu nome não se perderá”).</i>	<i>Encampa a voz da síntese: articula a educação ocidental com a memória ancestral, transformando a voz subalterna em narrativa afirmativa.</i>
Colonizador (sistema)	<i>Impõe necropolítica (Mbembe), alienação cultural (Memmi) e educação “bancária” (Freire).</i>	<i>Procura silenciar tradições, controlar corpos e mentes.</i>	<i>Constitui a voz monológica hegemônica, que busca sufocar outras vozes, mas é sempre interpelada pelo diálogo com o colonizado (Bakhtin).</i>

Fonte: elaborado pelo próprio autor

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, desvendamos as complexas relações entre violência colonial e resistência cultural, utilizando a obra de Chimamanda Ngozi Adichie (2009) como ponto focal. Demonstramos que a violência colonial se manifesta de maneira multifacetada, não apenas na imposição física e necropolítica, mas também na sutil, porém devastadora, alienação do colonizado, conforme aprofundado pelas perspectivas de Fanon, Mbembe e Memmi. A análise da obra de Adichie, em particular o conto "The Headstrong Historian", revelou como essa dinâmica se desenrola através das trajetórias de Nwamgba, Anikwenwa/Michael e Grace/Afamefuna, evidenciando a força da resistência cultural e o poder da reconstrução identitária.

Exploramos como a imposição da língua e do sistema educacional colonial,

embora visem a assimilação, encontram resistência nas vozes plurais e heterogêneas dos colonizados, um embate discursivo que Bakhtin nos ajuda a compreender. A identidade pós-colonial, longe de ser estática, emerge como um processo contínuo de negociação entre as heranças pré coloniais e as influências coloniais, resultando em um hibridismo cultural que é, em si, um ato de resistência e reafirmação. A representação do "Outro" e a questão da voz subalterna, abordadas por Said e Spivak, foram ressignificadas pela lente bakhtiniana, permitindo-nos identificar as formas sutis pelas quais as vozes marginalizadas se manifestam e subvertem os discursos dominantes. A literatura pós-colonial, como a de Adichie, transcende a mera denúncia das atrocidades do passado.

Ela se constitui como um espaço vital para a reconstrução da memória, a contestação de narrativas únicas e a reafirmação da agência dos povos colonizados. Ao dar voz a essas experiências, essas obras contribuem ativamente para a descolonização da mente e para a construção de um futuro onde a diversidade cultural e a autonomia identitária sejam valorizadas. A capacidade intrínseca da literatura de refletir, moldar e, por vezes, subverter a realidade, a torna uma ferramenta indispensável na luta contínua contra os legados persistentes do colonialismo.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **The thing around your neck**. New York: Alfred A. Knopf, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. 512 p. ISBN 978-8578274702.

BAKHTIN, Mikhail. **O discurso no romance**: Questões de literatura e de estética. A teoria do romance. 3. ed. São Paulo: UNESP, 1993a.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. Trad. Aurora Fornoni Bernadini et al. 5 ed. São Paulo: Editora da UNESP e HUCITEC, 1993b

CASELL, Catherine; GILLIAN, Symon. **Qualitative Methods in Organizational Research**: A Practical Guide. London: Sage, 1994

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização

Brasileira, 1968.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: Modernidade e Dupla Consciência**. São Paulo: Editora 34, 2001.

GONZÁLEZ, Jaime. **Como descobri que meus antepassados participaram do tráfico de negros escravizados**. [imagem de navio negreiro]. BBC News Brasil, 3 jun. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-48471379>. Acesso em: 2 out. 2025.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MEMMI, Albert. **Retrato do Colonizado Precedido pelo Retrato do Colonizador**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NARWANI, Nisha; VAIDYA, Manjiree. Polifonia de Vozes Não Guiadas: Uma Leitura Bakhtiniana de O Caçador de Pipas de Hosseini. **Bakhtiniana: Revista de Estudos Do Discurso**, v. 19, n. 2, 2024.

SAID, Edward Wadie. **Orientalismo: O Oriente como Invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Can the Subaltern Speak? In: NELSON, Cary; GROSSBERG, Lawrence (Eds.). **Marxism and the Interpretation of Culture**. Urbana: University of Illinois Press, 1988. p. 271-313.

THIONG'O, Ngũgĩ wa. **Descolonizando a Mente: A Política da Língua na Literatura Africana**. São Paulo: Ayine, 2020.

UNIVERSAL HISTORY ARCHIVE. **South African black children in an open-air school classroom**. In: GETTY IMAGES. [S. l.], 31 dez. 1935. Disponível em: <https://www.gettyimages.com/detail/news-photo/south-african-black-children-in-an-open-air-school-news-photo/601069630>. Acesso em: 2 out. 2025.